

## Abade do Neiva

ABADE DO NEIVA, orago Santa Maria, era, como se vê das Inquirições de D. Afonso II de 1220, do padroado real.

D. Dinis, porém, em 1301, concedeu o padroado desta igreja ao Mestre Martinho, seu físico e cónego da Sé de Braga, passando mais tarde a ser abadia da apresentação da Casa de Bragança, sendo-o até 1834.

Em 20 de Setembro de 1310, o arcebispo D. Martinho de Oliveira, a instâncias do padroeiro Mestre Martinho, instituiu nesta igreja uma Colegiada, composta do Reitor e três Capelães.

O reitor tinha a cura de almas e com os capelães rezava todos os dias naquela igreja as horas canónicas.

O arcebispo outorgou estatutos à referida colegiada, deu-lhe rendas e estabeleceu-lhe obrigações, entre as quais a de missa em Fragoso, na ermida de São Vicente .

Esta freguesia era conhecida antigamente por *Santa Maria de Condevão* e *Santa Maria de Vado*.

Era também conhecida por *Santa Maria de Abade*, mas, como estava no julgado de Neiva e havia na comar-

ca de Barcelos outra com igual nome de Santa Maria de Abade, esta no julgado de Vermoim, para se diferenciar uma da outra, tomaram respectivamente o nome do julgado a que pertenciam. Actualmente é conhecida pelo nome de Santa Maria de Abade do Neiva.

Os abades desta freguesia eram Ouvidores perpétuos do couto de Fragoso, onde punham juizes, levavam lutuosa, gados do vento, coimas, etc.

Abade do Neiva vem nas Inquirições de 1220 e 1258.

Nas de 1220 vem com a designação = «De Sancta Maria de Abbade, de Terra de Nevía».

Nelas se diz que o rei tem aqui 8 casais; que de um prado em Vilar «V quartas vini». De Eixati, de Rial, de Quintana e da Costa quot homines talliaverint in monte de Laurino dabunt singulos alqueires panis. Et pectant vocem et columpniam. Et tenet istud domna Stephania».

Esta igreja tem sesmarias e algumas leiras. Templo tem 9 casais e uma quintana (a quinta do Faial?); Hospital, 2 casais; Carvoeiro, 2 casais menos um terço; Banho, 3 casais; Braga, 4 casais; Palme, 1 casal; Várzea, 3 casais e Tibães, um e meio.

Nas Inquirições de 1258 se diz: Item, *in parrochia Sancte Maria Abbate*: que El-rey tem casais; na Costa Maa 4 casais do Regaengo de Quintana e deu el-rei por sua carta ao Sn r. André e a Petro Amigo e a Domingos Pais e ao Snr. Juliano; que ha de levar o quinhão do pão de el-rei a Giizo ou a Barcelos.

Não deve o Rico Homem da Terra «y a filar con-doyto nem pousar y o Mayordomo de voz e caomia». Item achamos uns campos em Provezende em que o Juiz fez dous casais por mandado de D. Qonçalo Garcia.

Item Pedro Pais e Gonçalo Pires, disseram que viram em Amorim «inchouver o ganado e pousar o Mayordomo da terra; e que dês quando y criarem filia do Snr. Mar-

tim Fernandiz, que non pousara y nem inchouveram o ganado ».

Em sítio elevado, na meia encosta de um monte, sobranceiro à Estrada Nacional de Barcelos a Viana do Castelo, está o vetusto e majestoso templo que ficou sendo a Igreja Paroquial desta freguesia.

Abade do Neiva é fundação da rainha D. Mafalda, mulher de D. Afonso Henriques, no ano de 1152 da era cristã. D. Mafalda quis fundar aqui um convento, dizem, de freiras, o que não conseguiu por lhe sobrevir a morte.

Não concluiu a obra do mosteiro, mas o que ficou era de proporções grandiosas, restando-nos ainda a *Igreja Paroquial* actual, destinada a igreja do projectado mosteiro.

De estilo românico, conserva exteriormente as linhas da sua primitiva arquitectura.

Na sua fachada terminada em ângulo, em cujo vértice se ergue uma cruz de braços rectilíneos, existe uma pequena rosácea em três circunferências, ornamentada a exterior com miosótis e esferas. Outra rosácea semelhante se vê por cima do arco e telhados da capela mor.

Abre-se o pórtico em quatro arquivoltas de arco apontado, sucessivas e decrescentes, apoiadas em quatro pares de colunas de fustes lisos e capiteis historiados.

Existiu em frente um cabido ou galilé que em 1732 se mandava consertar, em acto de visita a esta igreja, de tudo o que for necessário para que não chegue a arruinar-se, o qual, ou por cair em ruínas ou por mandado retirar dali, desapareceu.

Os muros laterais da nave são coroados por medalhões, decorados com várias figuras, e mais abaixo corre uma cornija com mísulas cavadas superiormente para as-

sento dos caibros de um alpendre, que acompanhava o edifício de um lado e do outro.

Abre-se em cada uma das paredes laterais sua porta travessa; a do lado direito mais trabalhada e a do lado esquerdo muito simples e hoje tapada a pedra e interiormente no seu sítio colocado um altar.

As frestas deste lado ainda se acham intactas, ao passo que as do lado direito foram rasgadas em janelas para darem mais luz ao templo.

Na abside ao fundo vê-se uma linda janela geminada e do lado direito, exteriormente, junto ao ângulo da fachada, um arco tumular cavado na parede.

Deste lado direito da fachada, adiantando-se um pouco a esta, ligada ao edifício por uma porta ogival, ergue-se a velha torre fortaleza, cuja fundação se atribui à época de D. Dinis. Em 1734 mandava-se consertar um sino e abrir nesta torre dois campanários para o toque dos sinos ser ouvido em toda a freguesia.

Se este templo conserva por fora as linhas gerais da sua primitiva construção, como atrás dissemos, não sucede o mesmo interiormente, devido às várias obras aí feitas sucessivamente.

A capela-mor é separada do corpo da igreja por um belo arco, sustentado por duas colunas de fuste liso e capitel coríntio. A tribuna é em bela talha renascença, os tectos em madeira pintada com ornatos e no centro uma alusão à eucaristia e as paredes escarioladas, revestidas até meio de azulejo moderno.

No pavimento ainda se conservam as três sepulturas, tendo a do meio, parece, um brasão apagado e inscrição que já se não lê.

Tinha esta freguesia mais sepulturas de pessoas importantes; a tampa de uma delas está hoje a servir de capeado de uma parede forra valo no Passal.

Ao lado direito da capela-mor está a sacristia, pequenina, sendo aumentada com um primeiro andar nas obras do fim do século passado.

O corpo da igreja é forrado a estuque com ornatos em gesso e as paredes rebocadas e caiadas.

Tem quatro altares, os dois primeiros em bela talha antiga e os outros em talha moderna, muito simples.

O baptistério em granito singelo; o púlpito e coro modernos. Este templo», como é sabido, primitivamente não tinha coro.

Em 1734 o visitador «manda fazer um coro na igreja, pois é preciso e necessário para as ocasiões das festas dela e para as endoenças da Semana Santa, pois sendo uma igreja de tanto preço, não é justo tendo o Santíssimo colocado na capela-mor esteja sem o sobredito coro para nele louvar a Deus e parece indecente estarem os sacerdotes e música fazendo o dito louvor na mesma capela--mor por não terem outro lugar onde assistam e se achar a igreja com tudo no necessário para o culto divino e ter área bastante para a dita obra> (').

Parece que o coro foi feito depois daquela data e passados alguns anos, pois as entidades encarregadas das obras não obedeciam prontamente às ordens dos visitantes.

Em 1744 manda-se pintar o tecto da capela-mor e rebocar e cair as paredes da mesma, como também todo o corpo da igreja, em que se encontram algumas frestas tapadas com ervas, pôr vidraças nas portas e rede de arame por fora.

Em 1754 acha-se necessário que o altar-mor seja alargado e os altares laterais pintados.

As pias da água benta estavam fora das portas nanda-se então retirá-las para dentro.

Em 1756 dizia-se que desde 1732 estão capituladas sem ainda estarem feitas as obras seguintes: fundir o sino quebrado, fazer dois campanários na torre, reformar as paredes da igreja, rebaixar o supedâneo do altar-mor : fazer uns supedâneos para os colaterais, manda-se e ao dourar os retábulos destes, alargar a sacristia por ser muito pequena e fazer uma pia de água benta para torta travessa.

Na visita de 1758 condena-se o costume de colocar na tribuna umas campainhas e tocá-las por meio de cordéis, quando o Santíssimo estava exposto.

Manda-se reformar as paredes do adro e vê-se que os enterramentos eram feitos neste e na igreja.

Em 1780 encontra-se a igreja *primorosamente asseada* em 1831, porém, acham-se já a igreja, a Fábrica e a Residência em *tal indecência* pela ruína que ameaça, q eu *não dá lugar a omitir e lembrar o mais necessário*, etc.

Em 1802 manda-se terraplanar o adro para a conservação das oliveiras ali existentes e fazer um paredão de suporte para a parte superior onde também há oliveiras

Esta Igreja foi visitada em 1904 pelo arcebispo D. Manuel Baptista da Cunha e na respectiva pastoral manda fazer obras de reconstrução na parede da frente que ameaça ruína, remover o soalho do corpo da igreja, etc.

Este templo é considerado hoje monumento nacional

No pórtico, vê-se no chão, junto às escadas, uma pedra de armas abandonada, digna de figurar em um museu

Por trás, junto à capela-mor, está a *Residência Paroquial*, que é uma das melhores que tenho encontra lesta minha peregrinação por este concelho.

Do lado esquerdo a facear com a fachada do templo na parte mais alta do adro, está o *Cemitério Paroquial*

tendo no seu portão gravada a data 1802 e a seguir, à entrada do mesmo adro, a Casa das Confrarias.

É curiosa esta casa com seu varandim de quatro colunas e escada de pedra, terminado por uma sineira com seu sino.

Era aqui que se fazia a distribuição pêlos pobres de uma sardinha e uma fatia de pão em certo dia do ano a troco de algumas rezas, legado hoje extinto.

Não tem esta freguesia Cruzeiro Paroquial. Existem as seguintes capelas:

*Capela de Santa Margarida*, ao fundo do Terreiro que se estende em frente à Igreja Paroquial, junto à estrada, com as costas voltadas a esta.

É baixa, pequena e antiga. Dentro é forrada a estuque com pavimento de pedra e o seu altar antigo de talha simples. É pública.

*Capela de Santo Amaro*, no lugar do mesmo nome. Ergue-se esta ermidazinha no centro de um adro fechado por parede com duas portas de serventia. Pequena, antiga, dos seus quatro cunhais sobressaem aos telhados quatro pirâmides, coroando os seus outões duas cruzes singelas apoiadas em seus grossos globos. Na fachada abre-se a porta principal, acompanhada de duas frestas e encimada por outra, hoje tapada por um grande e espaçoso alpendre, sustentado este por quatro colunas de pedra.

Do lado esquerdo está a sacristia, pequenina, bem proporcionada, tendo na sua parede da frente uma sineira, erna do seu morador.

Dentro, o altar é em artística e bem conservada talha, estilo renascença, digna de se ver.

Tecto de madeira pintada, coro e púlpito, pavimento de cimento, tudo muito asseado.

É pública. Nesta capela, adro e terreiro em frente, faz-se todos os anos, no dia do seu patrono, uma impor-

tante festa e romaria, muito concorrida de povo desta cidade. *Capela de São Lourenço*, junto à casa do Faial, dentro dos muros da sua quinta.

É pequena e antiga, ainda que a sua frontaria fosse alterada pela sua reconstrução. Dentro, os tectos são de estuque liso e o altar de talha muito simples.

Na sua visita de 1761 acha-se bastante desprezada e desprovida de objectos do culto e em 1795 parece não haver paramentos e a pedra de ara estar inutilizada.

Chegou nos fins do século XIX a cair em completa ruína, sendo restaurada pelo Snr. Visconde da Barrosa, quando comprou esta capela e quinta do Faial.

Pertence hoje ao autor destas linhas.

Fora desta quinta, em frente ao seu portão brasonado (brasão dos Viscondes da Barrosa) do outro lado da estrada, está um artístico cruzeiro pertencente a esta capela. Este cruzeiro assenta em uma coluna de capitel coríntio, tendo a três quartos de altura do seu fuste um escudo partido em pala com as armas dos Azevedos e Castros.

Esta quinta do Faial era pertença da Comenda de Cabo Monte da Ordem dos Templários, passando no tempo de D. Dinis para a Ordem de Cristo. No seu portão interior tem ainda a seguinte inscrição: =«CASA E QUINTA DO FAYAL PERTENÇA DA COMMENDA DE CABO MONTE NA ORDEM DE CRISTO ».

Esta quinta foi aforada a Lourenço de Castro Alcoforado, no século XVII. Pelo casamento de D. Angela de Castro com Manuel de Azevedo Ataíde, senhor da Honra de Barbosa, passou para os Azevedos Ataídes e nesta família andou, até que em 1903 foi vendida por o general Gaspar da Rocha Pais Werneck ao Snr. Visconde da Barrosa, José Ribeiro Lima da Costa Azevedo.



—Junto à casa existe um belo fontenário, tendo esculpido um escudo com a águia dos Azevedos.

Há nesta freguesia as seguintes *Alminhas*: as da Igreja, as de Amorim, as de Real, as de Santo Amaro e as do Faial.

Está situada na bacia orográfica do Cávado, na encosta dos altos montes que fecham o horizonte de Barcelos pelo norte, cujo ponto mais elevado é o pico de S. Gonçalo, e confronta pelo norte com a freguesia de Santa Leocádia do Tamel e a da Silva, pelo poente com a de Vilar do Monte, pelo sul com a de S. Martinho de Vila Frescainha e pelo nascente com a de Vila Boa e a de Lijó.

É banhada por dois riachos: o de Lage, que nasce nas poças de Bije, desta freguesia, e, atravessando a de S. Martinho de Vila Frescainha, vai lançar-se no Cávado, e o de Várzea, que nasce na poça do Rei, atravessa o lugar de Real e vai pela freguesia da Silva formar o ribeiro das Pontes, afluente também do Cávado, e é servida pela Estrada Nacional n.º 4, de Barcelos a Viana do Castelo.

As suas fontes públicas são: Alambique, Aldeia, Amorim, Arroteia, Brea, Caixa de Água, Carlos, Covelo, Igreja, Lage, Lamas, Linhares, Provezende, Santo Amaro e VHa Meã.

A sua população no século XVI era de 53 moradores; no século XVII era de 90 vizinhos; no século XVIII era de 149 fogos; no século XIX era de 659 habitantes e actualmente é de 823 habitantes, sendo 381 do sexo masculino e 442 do feminino, sabendo ler 165 varões e 39 fêmeas, havendo 619 analfabetos.

Esta população está distribuída pelos seguintes lugares habitados: Igreja, Monte, Fojo, Real, Barreiro, Quinta, Lage, Vila Meã, Santo Amaro, Cachadinha, Costa Má,

Pinheiro, Tanque, Castelo, Covelo, Faial, Amorim, Brea, Argufe, Mendim e Tourel.

Tem Escola Oficial mista com um lugar, que funciona em edifício arrendado; 3 lojas de mercearia e caixa do correio.

As suas casas mais importantes são: a do Faial, a dos Pereiras, a do Barreiro, a do Pinheiro, a dos Barre-tos, a da Torre, a do Castelo e a do Terreiro, etc., além de muitas outras casas e chalets de recreio dos seus proprietários.

Dos homens mais ilustres, que nasceram nesta freguesia ou cujos nomes a ela andam ligados, destacaremos os seguintes:

*Manuel de Azevedo Ataíde*, filho de Francisco de Azevedo (dos Azevedos de S. João de Rei) e de D. Brites da Silva, neto paterno de Manuel de Azevedo, este filho bastardo de D. João de Azevedo, bispo do Porto, foi senhor da Honra de Barbosa, Comendador da Ordem de Cristo e Snr., pelo seu casamento com D. Angela de Castro, da casa do Faial.

*Manuel de Azevedo Ataíde* (2.º), filho de Francisco de Azevedo Ataíde, Comendador de Cristo, Governador das Armas da Província de Entre Douro e Minho, neto do antecedente, foi Snr. da Casa do Faial, Comendador da Ordem de Cristo, Tenente General de Cavalaria, Sargento-Mor de batalha, servindo nas guerras da aclamação.

*P.º José Valéria Veloso*, natural da freguesia de Barcelinhos, Cónego tercenário da Colegiada de Barcelos, Abade desta freguesia e Capelão do Duque de Dalmácia, quando das invasões francesas, a quem acompanhou a França e veio morrer no Porto.

O povo, em vista da apostasia deste padre e pouco patriotismo deste português, que aceitou honras e benes-

ses dos invasores do seu país e profanadores dos seus templos, fez justiça por suas mãos.

Assim escreve ele:

«Desgraçadamente toda a província sabe que me roubarão e queimarão quanto eu tinha de melhor em mobília, títulos e papeis na residência de Santa Maria d'Abade, na minha casa do Rego em Espozende, huma das melhores e mais bem ornamentadas daquela vila, e suas vizinhanças, não perdoando à Biblioteca, Instrumentos Mathe-maticos, e huma preciosa collecção de observações, e trabalhos Astronómicos que ali tinha deixado meu cunhado Custodio Gomes de Vilasboas, na sua passagem da Corte para ocupar o Governo de Valença».

. . . . .

(José Valério Veloso — Memórias dos Factos populares na província do Minho em 1809, pág. 31, copiado do «Caderno de apontamentos para a Hist. do Concelho de Espozende >, pelo Snr. José da Silva Vieira, 1915, páginas 18 e 19).

*P.<sup>e</sup> António Joaquim Pereira*, natural desta freguesia, reitor de Viatodos (1886) e abade de Vila Boa, resignando este benefício entrou para a Companhia de Jesus.

E assim muitos outros nomes ilustres que na ocasião não me ocorrem.

No lugar do Castelo, dizem, aparecem vestígios de construções antigas, parecendo desta maneira confirmar o nome do lugar: castelo, crastelo, pequeno castro.

Tendo findado esta freguesia, seguindo a ordem pré--estabelecida, vamos dar uma saltada à seguinte — Aborim.